

---

## Contribuição para o balanço da experiência dos países socialistas <sup>(1)</sup>

### *Rapporti Sociali*

n.ºs 6/7, Janeiro de 1990

Quais são os ensinamentos da experiência dos países socialistas desde a revolução de Outubro até hoje?

Uma vez conquistado o poder político, arrebatado o poder às velhas classes dominantes, destruído o velho Estado e criado em seu lugar um novo, as massas proletárias e populares, sob a direcção do Partido Comunista e das organizações de massas, começam a transformar as relações de produção com a ajuda do novo Estado.

A conquista do poder por parte do proletariado e a eliminação das velhas instituições burguesas não levam por si próprias à instauração de novas relações de produção, nem estas novas relações de produção surgem imediatamente, nem são ordenamentos legislativos instaurados mediante uma decisão estatal.<sup>2</sup> Em consequência, por si próprios não determinam a extinção do Estado, mas instauram um novo Estado que, dado o papel que a nova classe dominante (a classe operária) assume na sociedade, traz consigo os gérmenes da sua extinção gradual.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Este artigo, não assinado, foi publicado pela primeira vez na revista italiana *Rapporti Sociali* n.ºs 6/7, de Janeiro de 1990. (N. Ed.)

<sup>2</sup> Só a fantasia evasiva dos processos, de que dão mostras Antonio Negri, Rossana Rossanda e outros cantores da «maturidade do comunismo», podia dar à luz a ideia das novas relações de produção como um ordenamento da sociedade já preparado e que só a resistência da burguesia impede de o pôr em prática. [Negri, Antonio (1933), filósofo e político marxista italiano, é apontado como o ideólogo das Brigadas Vermelhas, tendo sido preso na sequência do atentado contra Aldo Moro, em 1978. Sai da prisão em 1983, ao ser eleito deputado pelo Partido Radical. Foge depois para França e só regressa a Itália em 1997, obtendo a libertação definitiva em 2003. Rossanda, Rossana (1924), comunista italiana desde a juventude, participou no movimento de resistência antifascista, tornando-se responsável pela política cultural do PCI. É eleita deputada em 1963, assumindo nos anos 60 concepções anti-soviéticas. Em 1969 é expulsa do partido, fundando depois o diário *il Manifesto*, que se torna também num partido político. (N. Ed.)]

<sup>3</sup> Quando os marxistas falam em extinção do Estado não o entendem como o desaparecimento de organismos nos quais se forma a vontade colectiva dos membros da sociedade e que permitem a sua realização. Os burgueses e os seus agentes procuram apresentar o Estado actual como um organismo desse tipo (como porta-voz e executor da vontade da sociedade). Nesse sentido, desfiguram a consigna dos comunistas, convertendo-a numa palavra vazia de significado. Com efeito, é evidente que, na sociedade socialista e comunista, deverão existir e existirão organismos em que essa vontade colectiva se expressa na prática; isto será absolutamente necessário ao papel que assumirá finalmente o colectivo no que

Após a instauração do seu próprio poder político, do seu próprio Estado, o proletariado enfrenta a tarefa de superar as relações capitalistas de produção.<sup>4</sup>

Assim, por conseguinte, o proletariado enfrenta a tarefa de criar instituições sociais adequadas às forças produtivas que têm já um carácter social, de desenvolver as forças produtivas que são ainda predominantemente privadas e de criar os instrumentos para a gestão do processo produtivo por parte dos trabalhadores associados em função das suas necessidades.

Além disso, após a revolução, com a destruição do poder político dos capitalistas e a abolição da propriedade capitalista das forças produtivas, as contradições próprias das relações de produção, que devem ser transformadas, não desaparecem por si próprias imediatamente, como tão pouco desaparecem a velha ideologia e as velhas chagas sociais provocadas pela burguesia. De igual modo, não desaparecem imediatamente as ideias retrógradas, os limites sociais, culturais, económicos, ou de qualquer outro tipo, existentes num país que acaba de se libertar.

As formas transitórias que as relações de produção e as instituições sociais assumem durante a transição da relação de capital para o comunismo são variadas e determinadas em concreto (não escolhidas arbitrariamente). Por outro lado, estão submetidas à verificação prática e à passagem para formas superiores, dentro de um processo que, para além dos contributos dos impulsos subjectivos e da dialéctica vanguarda-massas, está necessariamente ligado ao processo de superação do trabalho necessário.

Além disso, existem duas premissas indispensáveis à sociedade comunista: a abundância de bens materiais e a transformação dos indivíduos em todos os aspectos, morais, culturais, etc. São duas condições que se devem perseguir em simultâneo durante a fase de transição do capitalismo para o comunismo.

Esta fase que separa a sociedade capitalista da sociedade comunista é a fase de construção do socialismo. Uma fase de transição durante a qual se criam as premissas para alcançar o comunismo. Uma fase em que há avanços e retrocessos, dentro da tendência geral, histórica, que é o avanço para o comunismo.

O socialismo não é, pois, um novo modo de produção, mas uma fase histórica de transição do modo de produção capitalista para o comunismo, como deixou claro Marx, na *Crítica ao Programa de Gotha*.<sup>5</sup> Um país socialista é um país onde os indivíduos estão ainda divididos em classes e existe luta de classes, onde a relação de capital ainda não desapareceu, mas apenas foi abolida essencialmente a propriedade privada capitalista das forças produtivas. Um país onde o poder político (o Estado) está nas mãos de uma classe que luta para superar a relação de capital e para se transformar a si própria e toda a humanidade, nas mãos de indivíduos capazes de dominar as condições da sua própria reprodução e as suas próprias relações. Estas exigências realizam-se através de

---

respeita à actividade produtiva de cada membro da sociedade. Isto de acordo, naturalmente, com as exigências colocadas pelo processo de produção e reprodução das condições materiais de existência, tal como no capitalismo desenvolvido. Os marxistas falam de extinção do Estado no sentido da extinção do que é sobretudo o Estado nas sociedades divididas em classes antagónicas: monopólio da violência organizada, mediante o qual a classe dominante impõe a sua lei às outras classes, apresentando-a ou não como emanada da vontade geral. Para quem compreende esta essência do Estado, é óbvio que a sua extinção vai de par com o desaparecimento da divisão da sociedade em classes antagónicas.

<sup>4</sup> Ou seja, o domínio do trabalho morto sobre o trabalho vivo, a relação em que o trabalho passado subordina a si próprio e absorve o trabalho vivo para se multiplicar, o papel de vendedores de força de trabalho ao qual a sociedade burguesa vincula os trabalhadores.

<sup>5</sup> Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. Avante!, Lisboa, 1982, t. III, pp. 5-30. (N. Ed.)

organizações, instituições, práticas e costumes de milhões de indivíduos. Um país socialista é um país cujas instituições sociais personificam, dão vontade, consciência e voz à força motriz da superação da relação de capital; é um país em que a força do Estado e do poder, em geral, está dirigida para facilitar o crescimento e a generalização desses *germens de comunismo* de que Lénine falava na sua análise sobre o significado dos *sábados comunistas*.<sup>6</sup>

Uma vez conquistado o poder, o proletariado toma rapidamente algumas medidas que encaminham o processo de transição ou que permitem o seu desenvolvimento. Seguidamente trata-se de ver se as medidas, que se tomam pouco a pouco, e se a situação criada continuam a ser úteis à transição.

O proletariado exerce o poder político não por definição. O proletariado só exerce o poder político:

1. Se o movimento proletário, as organizações do proletariado estão presentes no lugar onde se estabelece a linha que guia a acção dos organismos de Estado;
2. Se as pessoas que compõem os organismos estatais estão em ligação constante com o proletariado;
3. Se a linha que guia a acção dos órgãos do Estado representa na prática os interesses históricos do proletariado;
4. Se é promovida a participação das massas no exercício do poder político (o que é algo mais do que a participação no debate político e o conhecimento das questões políticas), com a conseqüente e gradual difusão das funções políticas e a correspondente extinção do Estado, enquanto corpo separado que tem o monopólio da repressão.

Um dos aspectos que diferencia a sociedade socialista da capitalista é a propriedade dos meios de produção. Abolir a propriedade privada capitalista dos meios de produção, torná-la propriedade de uma organização social (na URSS essa organização era tanto o Estado federal, como os Estados republicanos e os sovietes locais) é um passo necessário, embora não seja exclusivo.<sup>7</sup> Todavia, uma vez abolida a propriedade privada capitalista dos meios de produção, ainda fica a falta de uma participação efectiva dos trabalhadores no seu governo, uma colaboração efectiva de cada unidade produtiva com as demais unidades produtivas e uma orientação efectiva das actividades de cada unidade produtiva, visando a satisfação de determinadas necessidades da sociedade.

A subordinação das actividades económicas das unidades produtivas a um único plano válido para toda a sociedade é uma característica necessária da sociedade socialista. No entanto, se se torna regra que as unidades produtivas e os indivíduos se subtraem a um plano deste género com subterfúgios, incumprimentos e excepções, desenvolvendo actividades alheias às planificadas, é evidente que tal plano só existirá no papel, ou, pelo menos, haverá uma contradição entre o plano e a actividade económica real. Não devemos confundir a elaboração e aprovação de um plano económico com o facto de a actividade económica dos indivíduos e das unidades produtivas estar em conformidade com ele: são duas coisas distintas.

---

<sup>6</sup> Sobre as formas transitórias das relações de produção e das correspondentes instituições da sociedade ver Lénine: *Uma Grande Iniciativa* (1919) [V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante!, t. III pp. 139-160. (N. Ed.)] e «Relatório sobre os Sábados Comunistas na Conferência da Cidade de Moscovo do PCR(b) (1919) [*Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante!, t. V, pp. 14-19. (N. Ed.)]

<sup>7</sup> Com efeito, não é uma medida exclusiva: também a propriedade cooperativa, isto é, a propriedade de um grupo de trabalhadores, foi em todos os países socialistas a forma de organização da actividade económica de sectores produtivos inteiros, nos quais as forças produtivas tinham uma carácter social limitado.

Perante cada medida e transformação é preciso compreender quais os passos sucessivos que estas implicam, e que será preciso dar, caso sejam efectivamente aplicadas. Vejamos dois exemplos:

1. A autonomia financeira e económica de cada unidade produtiva, na base das relações mercantis com outras unidades produtivas, acarreta também necessariamente a mercantilização da força de trabalho. Se se rejeita esta medida através de uma lei, cada unidade produtiva ressentir-se-á negativamente. Neste ponto, ou se abandona a autonomia financeira e económica das unidades produtivas ou se aceita a mercantilização da força de trabalho. Não se pode ter capitalismo sem as coisas desagradáveis do capitalismo (isto é o que sonham os reformistas, mas este sonho é uma utopia).

2. A aceitação da pequena produção mercantil como sistema geral e prevalecente conduz necessariamente à formação da grande produção capitalista ou ao atraso económico. Portanto, se se consolida, incrementa, desenvolve e reintroduz a pequena produção mercantil, em breve nos encontraremos perante a necessidade de aceitar também a grande produção capitalista (que se tornará num «caminho razoável e justo» para progredir economicamente), ou então será necessário transformar a pequena produção mercantil em produção socialista.

Quanto à direcção do caminho, à possibilidade de um retorno ao capitalismo e da sua consolidação de novo numa sociedade socialista, tal depende do grau de socialização já alcançado pelas forças produtivas antes da revolução e do grau do avanço da transformação socialista.

Um país socialista é um país onde os gérmes do comunismo, num estágio de desenvolvimento mais ou menos avançado, se contrapõem a elementos do capitalismo num nível mais ou menos avançado de extinção: uns só podem desenvolver-se à custa dos outros. Qual dos dois prevalecerá? Depende de vários factores. A situação de um país socialista é, de certo modo, comparável não à situação em que hoje se encontram os actuais países capitalistas, quando o capitalismo já se impôs definitivamente sobre o feudalismo, mas àquela em que as formas de produção capitalista se confrontavam com as formas de produção feudal.

\* \* \*

Na Revolução de Outubro, os comunistas e o proletariado resolveram os problemas da manutenção do poder e da eliminação da burguesia como classe dirigente e dominante. A história posterior da União Soviética é sobretudo a história da luta de classes antagónicas. Não é uma história com um desenvolvimento linear: sob a aparência da continuidade de um Estado e de uma sociedade civil, está a história real da luta do proletariado pela construção de uma sistema de relações sociais comunistas contra toda a força objectiva, interna e internacional, da economia mercantil e capitalista.

Tanto na URSS como na China, os comunistas confrontaram-se com sociedades em que as relações de produção mercantis e capitalistas ainda não se tinham desenvolvido até alcançar os limites do seu desenvolvimento possível, até esgotar as suas potencialidades. Um traço essencial do imperialismo é o desenvolvimento desigual dos estados. Nesse sentido, criou-se uma situação na qual as relações mercantis e capitalistas não podem desenvolver-se plenamente em países inteiros.

Em consequência, nesses países, assim que rompem a dependência e a ligação ao mercado capitalista mundial, há um impulso objectivo para enveredarem pela via do

capitalismo, embora seja uma via condenada ao fracasso porquanto conduz à reintegração no mercado capitalista mundial, a uma nova submissão ao imperialismo e, por conseguinte, também à asfixia do incipiente desenvolvimento capitalista local, como se demonstrou em diversos casos.

É o que acontece com o produtor pequeno-burguês em qualquer país: o grande capital asfixia-o e impede o seu desenvolvimento; por conseguinte, em certas condições, o produtor pequeno-burguês poder ser anticapitalista. Porém, uma vez libertado do grande capital, encontra finalmente via livre para se desenvolver e quer construir uma nova sociedade capitalista. Obviamente, se tomar este caminho, teremos novamente o grande capital e uma massa de produtores pequeno-burgueses asfixiados.

Além disso, os comunistas e o proletariado tiveram de enfrentar a pressão dos Estados imperialistas e do mercado capitalista mundial. Os limites do caminho percorrido pela União Soviética e pela China para o comunismo e as dificuldades encontradas neste caminho foram determinados, sobretudo, pela incapacidade por parte dos comunistas e do proletariado europeu de tomar o poder.

Entre as duas guerras mundiais, o proletariado italiano, alemão, austríaco, polaco e finlandês permitiu directamente aos fascistas tomarem o poder sem combate. Só em Espanha as massas populares resistiram durante três anos ao golpe de Estado fascista.

No caso concreto da União Soviética, este foi o primeiro país que enfrentou a etapa socialista, não podendo contar com experiências anteriores, como, ao invés, o puderam fazer os países que se libertaram posteriormente. Em consequência, em muitos aspectos, os comunistas soviéticos tiveram de improvisar os primeiros passos de um povo pelo caminho do socialismo. Durante dezenas de anos, até ao fim da II Guerra Mundial, importantes aspectos da política soviética foram determinados pelo cerco dos países capitalistas e pelo estado de guerra, praticamente permanente, que a URSS viveu.

Os comunistas e o proletariado soviético, com Stáline à cabeça, conseguiram resistir às pressões internas e externas e às agressões que sofriam, até elevar o movimento comunista a um nível superior em todo o mundo, permitindo o triunfo da revolução na China e o desenvolvimento do movimento de libertação nacional em todas as colónias.

Construíram um sistema industrial completo, planificado, baseado nas tecnologias mais avançadas da época. Instauraram a produção colectiva na agricultura, lançando as bases para o crescimento cultural e político dos camponeses e a eliminação do seu atraso técnico, cultural e político. Estabeleceram um sistema de emancipação das mulheres e das crianças; implantaram formas (embora ainda muito incipientes) de poder directo dos trabalhadores e encontraram soluções, em certa medida, para dar vida ao novo mundo em todas as formas da vida social (sistema de educação geral, ampla participação no património cultural da sociedade, ampla utilização da assistência médica, etc.).

Isto permitiu que o poder soviético pudesse existir durante muitos anos e tenha dado uma poderosa contribuição à causa comunista e de libertação nacional em todo o mundo. Durante cerca de 30 anos não houve no mundo um movimento de libertação e de emancipação das classes, povos e raças oprimidas que não tenha encontrado na União Soviética um ponto de apoio, ajuda e inspiração, apesar das dificuldades que o facto de ser o único país socialista colocava ao proletariado e aos comunistas soviéticos.

Com esta experiência apreenderam mais tarde os comunistas e o proletariado chineses. Ao aplicá-la criativamente à sua situação, durante a Revolução Cultural Proletária, avançaram posteriormente pela via do desenvolvimento que faz crescer e predominar os gérmes do comunismo e cria a nova sociedade.

Perante o mesmo problema colocado pelas amplas massas de pequenos produtores autónomos (os camponeses), os comunistas chineses optaram por substituir a fase (antes julgada necessária) da separação completa dos trabalhadores das condições materiais do

seu trabalho (a acumulação original) pela transformação por fases da propriedade da propriedade individual ainda existente em propriedade cooperativa e pelo desenvolvimento desta propriedade (as comunas agrícolas e urbanas e a sua industrialização). Impulsionaram a luta de massas no âmbito da propriedade colectiva dos meios de produção. Estas lutas de massas desenvolveram-se:

- Em torno dos regulamentos dos locais de trabalho e das relações massas-dirigentes na sociedade e nos locais de trabalho;
- Contra a separação dos trabalhadores do conteúdo científico do trabalho e contra a constituição deste como património de uma parte da sociedade;
- Sobre o conteúdo de classe das formas do processo de trabalho;
- Contra a utilização burguesa da cultura e da técnica, mas também contra o conteúdo de classe da cultura e da técnica.

\* \* \*

Apesar destas lutas levadas a cabo pelas massas dirigidas pelos comunistas e dos êxitos conseguidos, a partir dos anos 50, a União Soviética deixou de ser a vanguarda do socialismo no mundo. Os revisionistas modernos tomaram o poder no partido, no Estado e na sociedade. Porém, as derrotas, quando se procuram os ensinamentos que contêm, podem ser tão frutíferas como as vitórias. Como comunistas devemos compreender como os revisionistas modernos puderam tomar o poder e mantê-lo durante tanto tempo: assim estaremos mais bem preparados para impedi-los de se imporem nas lutas que temos pela frente.

A União Soviética teve de sobreviver e desenvolver-se durante quase 30 anos num contexto internacional hostil. Uma vez fracassada a agressão directa dos primeiros anos contra a jovem república dos soviéticos, a burguesia imperialista levou a cabo, durante anos, para além do bloqueio e da sabotagem económicos, os preparativos para a desforra. Constituiu Estados e organizações fascistas e nazis que finalmente desencadearam a agressão em 1941. Só a habilidade do grupo dirigente soviético, com Stáline à cabeça, e a actividade dos comunistas dos países imperialistas conseguiram impedir que esta agressão fosse levada a cabo pela burguesia imperialista em bloco.

Este contexto permitiu a consolidação de algumas concepções erróneas, devidas à falta de experiência, que foram determinantes para o êxito dos revisionistas modernos.

A construção de um sistema industrial completo, com um nível tecnologicamente muito avançado, num país cujas forças produtivas estavam atrasadas, era uma necessidade absoluta no período entre as duas guerras mundiais: sem isso a URSS não teria vencido o nazismo. Esta enorme tarefa obrigou os comunistas soviéticos a descuidar, durante um certo tempo, alguns aspectos da construção do socialismo.

Ao mesmo tempo, no terreno político e social, pelas mesmas condições atrás descritas, predominou, durante um largo período, um centralismo extremo e a utilização de medidas administrativas como forma de governo e de resolução dos problemas em todos os sectores da sociedade.

Embora durante algum tempo tenha sido inevitável e necessário actuar e enfrentar dessa maneira a construção do socialismo (estava em jogo a sobrevivência do primeiro país socialista), os comunistas soviéticos, com Stáline à cabeça, apesar de tudo o que tinham conseguido fazer (e que é necessário reconhecer sem ambiguidade), prolongaram erroneamente essa forma de funcionamento, inclusive depois de as condições terem mudado graças à vitória contra o nazismo, à ruptura do cerco imperialista e ao

desenvolvimento da guerra de libertação nacional anti-imperialista na China e noutros países colonizados. E apesar de no final da sua vida, Stáline ter começado a entrever alguns destes problemas,<sup>8</sup> não chegou a encontrar a solução.

Depois da morte de Stáline, a camarilha revisionista de Khruchov julgou-o e condenou-o pelos seus «excessos». Na realidade, esta camarilha repudiou os aspectos positivos do trabalho dos comunistas soviéticos, guiados por Stáline, e adoptou e deu carácter de linha geral, precisamente, aos seus aspectos negativos: os métodos autoritários de direcção, o funcionamento administrativo e a prioridade da economia sobre a ideologia e a política. Deste modo, e com a subsequente supressão «por decreto» da luta de classes, a sociedade soviética entrou num período de estagnação. Os revisionistas olharam com receio e reprimiram os movimentos de massas que, apesar dos limites descritos, haviam tido, pelo contrário, um papel importante na construção do socialismo durante os anos 20, 30 e 40.

Desde os anos 50 até hoje não houve mobilizações de massas nos países socialistas, com excepção das que foram reprimidas. Em vez de promover uma cada vez maior participação das massas na direcção da sociedade e do Estado, com o fim de iniciar o processo da sua progressiva extinção e da formação do homem novo, em conformidade com a nova estrutura da sociedade, fizeram o contrário: os métodos burocráticos, os decretos e as ordens tornaram-se, sob a direcção dos revisionistas modernos, os métodos exclusivos de direcção da sociedade. De facto, não se permitiu que as massas desempenhassem outro papel senão o de obedecer e de aumentar a produtividade em função de incentivos materiais.

Apesar das muitas vitórias conseguidas, o proletariado soviético deparou-se com muitas dificuldades ao se defrontar com as contradições da sua própria transformação e das restantes massas populares. Estas dificuldades foram tais – juntamente com a acumulação de erros cometidos na construção por fases das formas concretas de existência da sociedade dos trabalhadores associados, donos das condições materiais do seu próprio trabalho – que as forças objectivas e subjectivas contrárias ao avanço para o comunismo se consolidaram ao ponto de se imporem, após o desaparecimento de Stáline.

Os comunistas e o proletariado soviético, sob a direcção de Stáline, não souberam estar sempre à altura das possibilidades criadas pelas suas realizações, não deram soluções oportunas aos problemas colocados pelos seus próprios êxitos, nem sempre compreenderam que as vitórias conseguidas transformavam o terreno da luta, e mantiveram formas de relações sociais que já tinham sido superadas pelo desenvolvimento das forças produtivas e da formação cultural dos trabalhadores. O grupo dirigente não compreendeu a maneira como se colocavam concretamente as relações políticas criadas no mundo, na nova situação, com a conquista do poder pelos comunistas em numerosos países, com o desenvolvimento das forças revolucionárias proletárias e anticolonialistas e com o triunfo na II Guerra Mundial.

Na URSS continham-se e reprimiam-se as manifestações das forças burguesas em vez de se eliminar a sua base material, dentro dos limites que a situação objectiva permitia. Como comunistas devemos procurar os «erros de Stáline» na direcção contrária à indicada pela burguesia.

Quem aceitar a forma como a burguesia apresenta este problema (seja porque partilha das suas conclusões seja porque se lhes opõe), aceita inevitavelmente uma abordagem aparentemente interclassista do problema e, de facto, encara-o do ponto de vista dos

---

<sup>8</sup> Ver I.V. Stáline, Problemas Económicos do Socialismo na URSS [Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/stalin/1952/problemas/index.htm> - versão brasileira (N. Ed.)]

interesses da burguesia. Do mesmo modo, os que, em nome do comunismo, defendem a União Soviética dirigida pelos revisionistas como um país socialista, defendem inevitavelmente uma concepção burguesa da sociedade e do seu desenvolvimento.<sup>9</sup>

\* \* \*

Os revisionistas modernos conquistaram o poder na URSS como porta-vozes da burguesia no quadro do socialismo, e permitiram o reforço, embora tímido, de uma nova burguesia que surgia do interior da nova sociedade e revestia as suas acções com uma ideologia mistificadora extraída dos «lugares comuns» da nova sociedade. Contrariamente a tudo o que afirmam os Deng Xiaoping e companhia, a burguesia que se impõe nestas circunstâncias não é composta geralmente por ex-capitalistas, ex-latifundiários, nem por elementos marginais da sociedade socialista (exploradores, sabotadores, criminosos, etc.). Como dizia Mao, a nova burguesia está «dentro do partido comunista», surge no coração da nova sociedade.

Desde que os revisionistas modernos tomaram o leme na direcção da URSS, todos os projectos de reforma económica propostos ou realizados estavam orientados para restabelecer e reforçar as relações mercantis e capitalistas de produção entre as unidades produtivas, entre estas e os trabalhadores e entre o conjunto das unidades produtivas e o resto da população. O objectivo era que cada unidade produtiva se bastasse a si própria, medindo os seus resultados no mercado, que cada empresa pudesse admitir e despedir trabalhadores e utilizá-los segundo as necessidades ditadas pelo objectivo de impor-se no mercado e ampliar-se; que cada unidade produtiva vendesse e comprasse a preços que garantissem o seu êxito no mercado; que cada trabalhador se vendesse ao melhor preço para poder viver, e que o seu nível de vida e da sua família fossem determinados pelo contrato de compra e venda a que se vinculava. Não foi uma casualidade que os EUA se tenham tornado num ponto referência constante e no ideal da nova burguesia soviética. É claro que só traziam à luz os êxitos produtivos e tecnológicos da burguesia norte-americana. Silenciavam a exploração interna e internacional, à qual estes êxitos estavam inseparavelmente ligados, e nunca se referiam ao carácter temporário dos mesmos (ao gigante com pés de barro), ao facto de que a capacidade de desenvolvimento económico (e também tecnológico) da sociedade socialista já se tinha demonstrado, na prática, muito superior à sociedade capitalista dos EUA. Em consequência, a União Soviética, sob a direcção dos revisionistas modernos, deixou de ser, pouco a pouco, um exemplo e um ponto de apoio para o movimento operário e para os movimentos anti-imperialistas de libertação nacional.

Em vez de se preocuparem em resolver os problemas e contradições que, precisamente, o êxito do período anterior havia tornado patentes ou criado, e que esse mesmo êxito tornava possível resolver a partir daquele momento, os revisionistas modernos dedicaram-se a restaurar as relações mercantis e capitalistas.

---

<sup>9</sup> Veja-se o exemplo de Cossutta e do Movimento pela Paz e o Socialismo. [**Cossutta**, Armando (1926), membro do PCI desde 1943, participou na resistência italiana. Como dirigente do PCI integrou-se na corrente pró-soviética. Opôs-se à dissolução do PCI em 1991, fundando o Partido da Refundação Comunista, com o qual rompe depois de o secretário-geral, Fausto Bertinotti, ter votado contra a moção de confiança ao governo de Romano Prodi em 1998. Cria então, com a Oliviero Diliberto e outros, o Partido dos Comunistas Italianos (PdCI), ocupando o cargo de presidente até 2006. Nas eleições de 2008, em que os comunistas são irradiados do parlamento, Cossutta declarou ter votado no Partido Democrático. (N. Ed.)]

No entanto, a nova burguesia nunca chegou a ter totalmente as mãos livres.

Na União Soviética, como nos países do Leste da Europa, os comunistas criaram múltiplas e diversas organizações de massas que envolviam, de algum modo e em certa medida, milhões de trabalhadores. Tais organizações eram um instrumento da revolução e da luta pela construção do comunismo. No contexto em que estas organizações foram criadas, cumpriam a tarefa de:

- Forjar progressivamente a unidade dos trabalhadores;
- Dar uma forma concreta de existência aos trabalhadores como colectivo e como unidade consciente e capaz de agir;
- Permitir a passagem gradual das funções políticas, de direcção e de organização do Estado para as massas;
- Contribuir para a extinção da política enquanto função exclusiva e profissional reservada aos políticos.

Os revisionistas modernos herdaram estas organizações de massas e, depois de controlá-las e depurá-las, utilizaram-nas como formidáveis instrumentos de controlo, consenso e selecção dos seus novos membros. No entanto, o carácter antagónico das relações sociais gerais impedia os trabalhadores de enfrentarem, através destas organizações, os problemas da produção como um problema do poder dos trabalhadores unidos para dirigir a produção, os planos de produção, os planos de distribuição e, portanto, toda a vida da sociedade soviética. Os revisionistas modernos transformaram estas organizações, destinadas à extinção gradual do Estado, em organismos de controlo, orientação ou direcção capilar<sup>10</sup> do Estado sobre os trabalhadores. No entanto, de alguma maneira, estas organizações eram armas de dois gumes, cujo reverso vinha de imprevisto à luz nos momentos de agitação social.

O poder da nova burguesia também não era absoluto ou ilimitado, as suas proibições não asseguravam a paz social total e revelava-se pouco eficaz a supressão por decreto da luta de classes, não se atrevendo, por exemplo, a levar as suas alternativas até às últimas consequências, apesar de figurarem como objectivos no seu programa.

A nova burguesia não se atreveu a estabelecer a plena liberdade de comércio para cada empresa ou unidade produtiva, nem a permitir que os preços ditassem as leis de mercado, ou muito menos a arrogar-se a liberdade de despedir os trabalhadores e a contratar mão-de-obra de acordo com as exigências de valorização do capital em cada empresa. Com efeito, o novo rumo fez com que as relações entre trabalhadores e dirigentes das unidades produtivas se tornassem cada vez mais antagónicas. Cumprir até ao fim, ou não, os planos de produção, tornar «rentáveis» as unidades produtivas, utilizar mais eficazmente a maquinaria e o resto do equipamento, aumentar a produtividade do trabalho, todos estes objectivos se transformaram em preocupações cada vez mais exclusivas dos dirigentes. E esta tendência acentuava-se à medida que as relações sociais nas empresas apresentavam, nestes termos, as tarefas a realizar, e também à medida que o objectivo das unidades produtivas deixava de ter como único fim a satisfação das necessidades imediatas ou indirectas da população.<sup>11</sup> O antagonismo manifestava-se na baixa produtividade do trabalho (quantidade de trabalho realizada por cada trabalhador), tão lamentada pelos dirigentes soviéticos e dos países do Leste da Europa, e, em particular, na baixa intensidade do trabalho.

---

<sup>10</sup> Isto é, estendida a todos os locais e sectores sociais.

<sup>11</sup> As unidades produtivas não produziam mais valores de uso pela necessidade que a população tinha deles, mas produziam valores de uso pelo interesse que os produtores tinham no seu valor de troca.

A nova burguesia soviética não chegou a dotar-se dessa formidável arma de pressão, chantagem e disciplina contra os operários, que constitui a massa de desempregados, que se amontoam, acotovelando-se às portas das fábricas, dispostos a ocupar o posto de trabalho do operário despedido. A nova burguesia desenvolveu a busca de outros meios para impor o trabalho e conseguir maior domínio sobre os trabalhadores. Entre eles, está a criação de condições para uma diferenciação real, entre os próprios trabalhadores, na distribuição e consumo, como instrumento de pressão. Não obstante, a diferenciação no que respeita ao consumo e ao nível de vida entre os dirigentes, por um lado, e a massa de trabalhadores, por outro, herdada do período anterior,<sup>12</sup> não era nem de longe comparável, como instrumento de disciplina e estímulo, aos métodos do capitalismo, porque além do mais:

1. Os privilégios de que gozavam os membros da classe dominante mantinham-se ligados à sua função (o exemplo do director de uma unidade produtiva que dispõe de um automóvel com motorista não serve de estímulo ao trabalho para o conjunto dos operários, já que estes não podem aspirar a serem todos directores);

2. Os membros da classe dominante desfrutavam de alguma maneira de muitos dos seus privilégios às escondidas, sem publicidade (as lojas de artigos preciosos e de luxo, às quais só tinham acesso membros da classe dominante, não eram um instrumento eficaz para estimular os trabalhadores a ganharem mais dinheiro para poderem adquirir tais bens);

3. A cultura difundida pela burguesia entre as massas exaltava (hipocritamente) o consumo moderado, a sobriedade do vestuário e a igualdade, de modo que reprovava, em geral, quem vivia acima do nível médio e ostentava luxo, etc.

A nova burguesia introduziu diferentes tipos de incentivos colectivos e individuais orientados para obrigar os trabalhadores à autodisciplina e a adaptarem-se melhor às máquinas; a mobilizar os trabalhadores atraídos pelo aumento do salário contra os companheiros de trabalho recalitrantes. Os chefes recorriam a diversas formas de negociação com as organizações informais de trabalhadores para alcançar a quantidade de produção desejada.

A burguesia soviética e dos países do Leste da Europa começou desde então a apropriar-se destes instrumentos de domínio sobre os trabalhadores e a utilizá-los. Isto acarretava mudanças na produção: era preciso que as lojas em todo o país recebessem mercadorias novas e que estas mudassem com rapidez para cumprir, diária e profusamente (capilarmente), a sua função de estímulo para o trabalho e do lucro em geral.

A burguesia necessitava que as condições de vida universalmente asseguradas a toda a população fossem menos boas: em termos absolutos, ou pelo menos em relação àquelas consideradas óptimas de que alguns trabalhadores desfrutavam. A tendência para a abolição dos «preços políticos» de alguns produtos e serviços básicos ou, o que ia dar ao mesmo, a degradação da sua qualidade e o crescimento de um mercado paralelo de produtos e serviços melhores a «preços livres», conduzia precisamente a esse objectivo.

As reformas da época de Khruchov têm em geral esta direcção bem definida.

No período da «direcção administrativa», a direcção dos indivíduos por parte dos indivíduos, que é a essência de toda a relação social, manifestava-se em toda a sua nudez, clara e limpa, sem véus e de forma imediata. Esta direcção, à medida que as relações entre os indivíduos se mantinham ainda antagónicas ou chegavam a sê-lo, revestia-se

---

<sup>12</sup> O Partido Comunista da URSS, sob a direcção de Stáline, manteve tal diferenciação como um aspecto necessário da primeira fase da construção do socialismo. A nova burguesia herdou-a, mas deu-lhe um sentido diferente.

necessariamente de traços característicos da opressão, da arbitrariedade, da corrupção, da imposição e da violência. Dentro dos limites em que as relações entre os indivíduos eram de unidade ou de aliança, a direcção dos indivíduos tendia a tornar-se gradualmente em direcção dos indivíduos sobre si próprios, sobre as suas actividades e, em geral, sobre a sua vida.

As reformas da época de Khruchov tendiam globalmente a substituir a «direcção administrativa» por um sistema de «direcção económica». As relações sociais permaneciam como relações entre classes antagónicas, mas o domínio de alguns indivíduos sobre a maioria da população era ocultado pelo véu mistificador da subordinação igual e livre de toda a gente às mercadorias, ao aparelho produtivo, ao dinheiro, ao mercado, às leis objectivas e naturais da economia.

As relações sociais foram coisificadas de novo, o que era apresentado como uma exigência da situação. O elemento que ligava directamente milhões de trabalhadores num único sistema de produção social já não era a decisão livre e consciente dos trabalhadores unidos, sobre a forma de responder às suas necessidades, nem as normas impostas pela violência do Estado e dos seus funcionários nos organismos de planificação e nas unidades produtivas. A partir deste momento, esse elemento é o dinheiro que, interpondo-se entre os indivíduos e os objectos de que necessitam, obriga de forma impessoal, imparcial e capilar, sem intervenção de polícias e «tribunais populares», milhões de trabalhadores a apressarem-se a ocupar todos os postos de trabalho disponíveis de um mecanismo produtivo; e isto sem nenhuma consciência prévia, acordo ou relação entre eles, movendo-se cada um por «livre decisão» individual. Fora do local de trabalho, na sociedade, as ordens da burguesia aos trabalhadores e aos próprios membros da burguesia já não se apresentavam como ordens de uns indivíduos a outros indivíduos, mas como intervenções imparciais e *científicas* sobre as coisas (a quantidade de moeda posta em circulação, a taxa de desconto, a taxa de juro sobre o dinheiro tomado como empréstimo, a taxa de amortização, a despesa pública, o controlo dos preços, a emissão de títulos, a legislação bancária, creditícia, de valores, social, aduaneira, etc.).

Este era o programa da nova burguesia como resulta evidente se considerarmos as reformas de Khruchov de 1957; as reformas defendidas por Liberman<sup>13</sup> e Trapeznikov<sup>14</sup>, aplicadas de maneira experimental, em 1963, nas empresas *Bolshevicka* de Moscovo e *Maiak* em Górkki; a reforma geral de 1965; as reformas iniciadas em 1967, a partir do complexo químico de Chióokino. Chega-se às mesmas conclusões se se analisa a história dos regimes de preços, das autonomias financeiras e de gestão das empresas e uniões de empresas, a oscilação entre centralização e subdivisão do capital, as alternativas produtivas relativas aos bens de luxo, o desenvolvimento tecnológico da União Soviética e de outros países do Leste da Europa.

Porém, como disseram posteriormente os burgueses, Khruchov precipitou-se e acreditava poder restaurar o capitalismo com a mesma velocidade com que antes os comunistas tinham construído o socialismo. Imprimiu um ritmo tão rápido à restauração

---

<sup>13</sup> **Liberman**, Evssei Grigórievitch (1897-1981), economista soviético, autor dos conceitos que serviram de base às reformas económicas de 1965, nos governos de Kossíguine. Em 1962 publicou um artigo no *Pravda* intitulado «Plano, lucro e prémio», no qual expôs as principais propostas para a reforma do sistema económico soviético. (*N. Ed.*)

<sup>14</sup> **Trapeznikov**, Vadim Aleksándrovitch (1905- 1994), cientista soviético na área da automatização e processos de gestão, membro do PCUS desde 1951, é designado presidente do Comité Nacional da URSS para a Automatização em 1959, tornando-se primeiro-vice presidente do Comité Estatal do Conselho de Ministros para a Ciência e Técnica em 1965. (*N. Ed.*)

que uniu contra o seu programa demasiados grupos e classes. Por esta razão foi substituído (1964).

\* \* \*

Sob a direcção de Bréjnev, o programa continuou a ser o mesmo. A «revolução científico-técnica» de Bréjnev-Kossíguine foi na mesma direcção. Mas tudo tomou um ritmo mais lento, mais prudente. Em pouco tempo produziu-se uma situação de estagnação. Nenhuma das duas classes antagónicas era bastante forte para mudar decisivamente a situação a seu favor.

O proletariado, que se encontrava sem partido, podia opor uma resistência passiva, aproveitando as instituições residuais do passado, e apoiar os grupos dissidentes que pouco a pouco surgiam entre a classe dirigente, agudizando assim as suas contradições; não obstante, não podia tomar a iniciativa.

A burguesia dirigia o Estado, a economia, a cultura, mas não podia confrontar-se com o proletariado, impondo-lhe as medidas necessárias para uma valorização máxima do capital. O cuidado que tinha em impedir e sufocar qualquer movimento de massas no campo económico, político e cultural era a prova da sua fraqueza, para além do seu carácter antipopular.

Em consequência, floresceram a pequena economia comercial («submergida», era na realidade tolerada, mantida e defendida pelo Estado, mas não legalizada formalmente), com o conseqüente enorme esbanjamento de recursos materiais e energias e a conseqüente corrupção. O enriquecimento, sob a forma de entesouramento, opulência e luxo, ocupou o lugar que as leis proibiam de ocupar na propriedade individual das forças produtivas.

O equilíbrio que decorria daqui produziu uma ampla paralisia: abrandou-se o ritmo de desenvolvimento económico, reduziu-se a renovação tecnológica, mantiveram-se vigentes formas obsoletas de vida social e de gestão económica, aumentaram-se as importações de bens de equipamento e de consumo do mercado capitalista e abriu-se caminho à dívida externa e à integração no mercado capitalista mundial. A estagnação económica foi a manifestação da paralisia política: nenhuma das duas classes antagónicas tinha força suficiente para impor à outra a sua vontade. A nova burguesia assumiu o carácter de «burguesia compradora» nas relações com a burguesia imperialista (comércio e empréstimos internacionais) e dedicou-se ao enriquecimento individual, acumulando poder aquisitivo e bens no estrangeiro e dentro do país, mantendo-se-lhe vedado o acesso ao capital produtivo (o que desencadeia o processo D - M - T - M' - D': Dinheiro-Mercadorias-Trabalho-Novas Mercadorias-Mais Dinheiro).

Acentuou-se a divisão em classes e pioraram as condições de vida em sectores inteiros da população. Os acontecimentos destes últimos meses são resultado da explosão das contradições provocadas durante o período prolongado de estagnação. A situação chegou a um ponto que nenhuma das duas classes antagónicas pode continuar a viver como antes.

A situação tem de mudar. Está criada uma situação revolucionária.